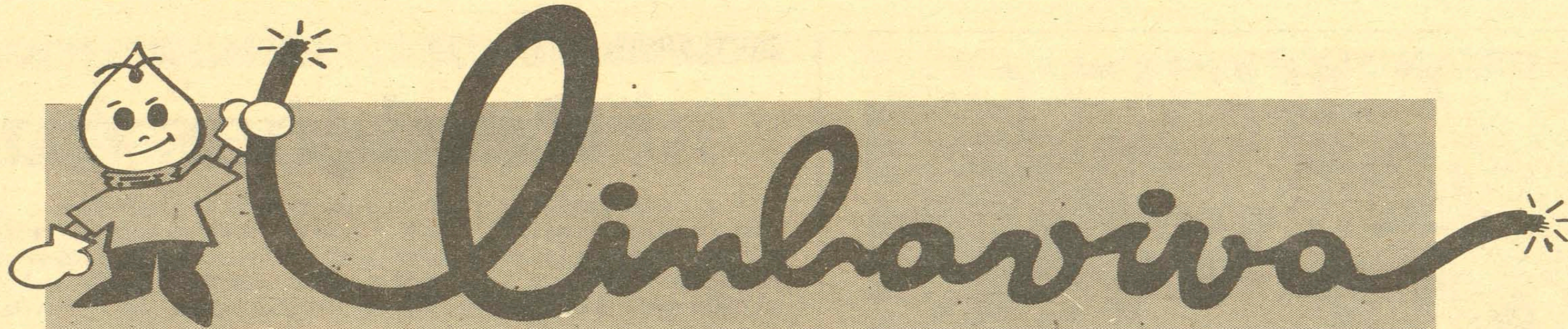




Intersindical dos Eletricitários SC

27/09/90

Nº 110

Hora de decidir rumo da campanha

Empregados da Celesc têm que decidir se aceitam ou não a contraproposta da Empresa: 6,03% de reajuste. A Intersindical avalia que a proposta é inaceitável. Sindicatos vão defender processo de mobilização.

Foi na quarta mesa redonda, na Delegacia Regional do Trabalho, que a Celesc apresentou sua proposta em relação à pauta de reivindicações desse ano. Essa proposta será detalhadamente analisada pelos empregados em assembléias gerais em todo estado, em Florianópolis será no dia 27. Na proposta apresentada no dia 21 o saldo foi: 17 discordâncias, 7 concordâncias, 3 concordâncias em parte, 6 cláusulas à espera da elaboração de uma normativa e uma questão ficou para ser discutida na Justiça — o imposto sindical. Houve uma nova negociação no dia 26, que pode ter alterado esses números, mas ela começou após o fechamento desta edição.

A Intersindical já tem uma posição sobre o que foi apresentado. Está muito longe sequer do que já se tem atualmente. Isso porque a empresa não concorda em conceder muitas cláusulas que se constituem em conquistas históricas dos celesquianos. Para Aramis Novaes, do sindicato do Norte do estado, "ainda é grande a distância entre o que é reinvin-

dicado na pauta e o que a empresa concede, principalmente nas cláusulas econômicas".

Até o dia 21, a Celesc havia proposto um reajuste de 6,03%, de acordo com a Medida Provisória 219. Nos outros itens não havia ocorrido nenhum avanço: 4,01% de produtividade, nada de política salarial ou de reajuste mensal e manutenção do atual piso da categoria (Cr\$ 24.000,00). "A empresa vai ter que avançar nos índices. Não é possível conceder apenas 6%, quando o reajuste necessário já é superior a 80%". Na opinião de Isaltino Pedron, do sindicato do Vale do Itajaí, se a proposta não for alterada a Intersindical vai se posicionar desfavoravelmente nas assembléias.

Agora a campanha salarial fica à espera dos resultados das assembléias, da posição que os trabalhadores vão tomar frente à proposta da empresa. Essa é a grande e importante discussão que vai acontecer nas assembléias. Para os empregados está em jogo toda uma vida profissional.

CUT vai ao "entendimento"

Foi polêmica a reunião da Executiva Nacional da CUT realizada em Cajamar-SP no dia 20 de setembro. E não era para menos. Na pauta estava a participação ou não da Central na mesa de negociações do "entendimento nacional" que está sendo chamado pelo Governo. No final, por 8 votos a 6 foi vencedora a posição favorável à participação.

"Qualquer negociação só será transformada em acordo depois que os sindicatos filiados realizarem assembléias com os trabalhadores e a maioria aprovar", diz a resolução da reunião. No entanto, a CUT rejeita a expressão pacto social: "pacto social, para nós da CUT, significa fazer concessão à burguesia e a esse governo que não representa os interesses da classe trabalhadora, e isso a CUT tem como princípio não fazer", garante a resolução.

Entidade vai usar suas reivindicações como base para discutir com o governo.



Collor será sensível ao apelo?

A Central vai usar como base para a sua participação nas negociações a pauta de reivindicações que ela enviou ao Governo e que contém como um dos pontos-chaves a reposição das perdas salariais. A CUT também vai seguir o seu calendário de discussões e, por isso, não participará da reunião do "entendimento" prevista para o dia 26.

A grande imprensa está explorando as divergências havidas na reunião dizendo inclusive que "a CUT rachou". No entanto, Delman Ferreira, que participou da reunião, diz que "sempre houve divergência dentro da CUT e é isso que a torna forte, democrática, e representativa. Nesta votação eu fui derrotado, mas nem por isso deixo de ser cutista e de defender o sindicalismo classista que a CUT pratica".

ELETROSUL

Ro Bion



Diretor Financeiro recebeu a carta

Eletricitários não aceitam as punições

Ainda não se sabia ao certo quantas eram as advertências e as suspensões. Não se tinha certeza sequer se Cascaes era o único demitido. O clima era de inquietação e revolta, mas havia uma certeza nos olhares — era preciso fazer alguma coisa pelos empregados punidos. Foi com esse objetivo, fazer algo ou mais precisamente reverter as punições, que a diretoria do Sinergia foi à Eletrosul. Esse justo anseio estava expresso numa carta, que foi entregue às 17 horas ao diretor financeiro, João Emílio de Mendonça, o único que se encontrava na Empresa na ocasião.

Alguns minutos antes, a diretoria do Sinergia havia feito um rápido anúncio da concentração que ocorreria no segundo andar, naquela quarta-feira, dia 19. A resposta foi imediata. Os corredores próximos à presidência lotaram e também apareceu muita gente na concentração rápida que houve logo depois no hall da empresa, onde foram dados os informes do que estava acontecendo no resto do setor elétrico.

Na assembléia do dia 20, foi aprovada uma moção de repúdio, que saiu publicada no Diário Catarinense do dia 25 com o seguinte título: "Arbítrio na Eletrosul". Na Central, mais dados sobre as punições.

SERVIDOR ESTADUAL



Servidores protestam em frente ao Palácio

Greve por reposição de 111%

No dia seis de setembro o governador Casildo Maldaner não conseguiu sair do Palácio Santa Catarina com o carro oficial. Ele foi cercado, no estacionamento, por cerca de 200 servidores que participavam, em Florianópolis, do II Congresso dos Trabalhadores em Educação. Era o começo de mais uma mobilização dos trabalhadores no serviço público estadual (aproximadamente 80 mil). No dia 18 estava deflagrada a greve que continua firme, com adesão de 60% da categoria em todo o estado.

Os servidores reivindicam reposição salarial de 111%, implantação do estatuto e do Plano de Cargos e Salários, além de outros pontos específicos e da defesa do serviço público. Eles encontram-se em plena

data-base. O Governo do Estado já determinou o desconto dos dias parados.

A falta de dinheiro nos cofres públicos é um dos principais argumentos do Governo contra a greve. Os sindicatos, por outro lado, lembram que durante os quatro anos na administração do estado, o PMDB nada fez para solucionar um quadro que apresenta um terço do funcionalismo abocanhando 65% da folha de pagamento e a grande maioria — dois terços — tendo que dividir os 35%. Além disso, para os comissionados Casildo Maldaner elaborou projeto de lei concedendo gratificações de até 65%. Para a categoria em geral, porém, a proposta permanece em 15,55% escalonados, em média.

EDITORIAL

Ame-o ou deixe-o

A história se repete: na primeira vez como tragédia, na segunda como farsa. A tragédia o Brasil assistiu (e sentiu) há bem pouco tempo. Ainda colhemos magoas e corpos espalhados pelo Regime Militar em nossa história e em valas clandestinas, como a do cemitério de Perus em São Paulo. A farsa vem se construindo há alguns meses, entre demagogias e violências que partem do Palácio do Planalto.

Não são apenas os apoiadores políticos do Governo Collor que nos trazem lembranças dos piores tempos. Há semelhanças mais denunciadoras, como a utilização freqüente do Decreto Lei, na delicada forma de Medida Provisória. Há um clima de guerra na zona rural, com a grilagem correndo solta. Há propaganda do tipo "pra frente Brasil". Há perseguição de lideranças sindicais. Há ingerência declarada do capital internacional. Há concorrências duvidosas e construção de estradas. Há um apelo de pacto social. E há generais nos corredores.

E só o Executivo executa. O Poder Legislativo transita em um verdadeiro limbo, assistindo os sucessivos vetos a tudo o que de importante ele aprova. O Judiciário parece sensibilizado com os apelos do Presidente e se comporta como um aliado - pelo menos tem sido assim no âmbito trabalhista. O que a imprensa chamou de *estilo Collor* não é apenas um jeito de proceder. Nas proezas esportivas, nas ameaças aos opositores, nos apelos populistas, na gesticulação frenética que o Presiden-

te usa desde sua campanha, estão presentes traços de regimes autoritários que a humanidade jamais esquecerá. Assim como jamais vamos esquecer da invasão da Folha de São Paulo pela Polícia Federal.

Collor está a serviço de um projeto neoliberal que avança no terceiro mundo. Um projeto que integra um processo complexo de redefinição de mercados internacionais, de remessas de lucros, etc... Se não fosse assim nossa política econômica não seria ditada quase integralmente pelo FMI.

Todos sabem que a aplicação deste projeto chamado de "modernizador" tem um custo alto para o povo: recessão, desemprego, miséria, fome. Aliás nada disso é novidade ou "modernidade" para os brasileiros. Justamente por isso o Governo tenta angariar "cumplicidade" através de um pacto social com setores organizados da sociedade.

E enquanto isso Collor vai produzindo um novo *oba-oba* nacional. Campanhas de alfabetização e vacinação produzem mais barulho - do que resultado, mas não deixam de aparecer na mídia...

E assim vamos vivendo a nossa farsa. As vezes fazendo de conta que nada acontece, enquanto nos arrancam o que restou de digno. Mas quem sabe um dia desses encontraremos um "out-door": *Brasil, ame-o ou deixe-o*. Daí vai ser tarde, pois a farsa já se terá convertido em nova tragédia.

Linha Viva é uma publicação semanal da Inter-sindical dos Eletricitários de Santa Catarina que tem 7500 exemplares. Diretor Responsável: Glaucio Marques. Editores: Gastão Cassel (DRT RS-6166) e Rosângela Bion (DRT SC1019). Diagramação: Vera Rotta. Ilustração: Franck Maia. Im-

pressão: Gráfica do jornal **O Estado**. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 21. Fpolis-SC, fone: (0482) 22-3866, telex: 481555. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

SETOR ELÉTRICO

Punições querem intimidar categoria

As retaliações não conseguem esconder o objetivo de aniquilar os sindicatos e amedrontar os eletricitários que se preparam para a campanha salarial de novembro. Neste final de semana acontece o Encontro Nacional dos Eletricitários para encaminhar a unificação da mobilização.

As mais de 30 punições aplicadas pela Eletrosul a empregados que participaram da última greve tem um objetivo claro: atingir a já histórica capacidade de mobilização dos eletricitários. Na mesma linha vão as punições desferidas em outras empresas do setor elétrico onde houve participação na greve nacional.

Na Eletrosul houve uma demissão, duas suspensões de contrato de trabalho para apuração de falta grave (de diretores do Sinergia), 10 suspensões de 30 dias, 13 advertências e 12 suspensões de 10 dias. Grande parte dos atingidos é ativa no movimento sindical, como diretor do sindicato, como representante sindical ou apenas como participante das atividades da categoria.

O ataque à organização sindical é evidente. João José Cascaes Dias, que foi demitido, é representante sindical e cometeu o "crime" de, durante a greve, registrar fotograficamente tudo que acontecia. Sua objetiva flagrou fura-greves, do-

cumentou assembléias e mobilizações. Ele fotografou coisas que qualquer um poderia ter fotografado, mas acabou punido. Por que razão? Certamente as pessoas não gostam de ver as suas atitudes "guardadas para a posteridade". Fica a pergunta: demitiram o Cascaes fotógrafo ou o representante sindical?

Outra evidência da perseguição à organização sindical é a suspensão dos contratos de trabalho de Mauro Passos (presidente do Sinergia) e Delman Ferreira (diretor do Sinergia e secretário da CUT Nacional). Que falta grave podem ter cometido os dois membros do Comando Nacional dos Eletricitários? Eles passaram a maior parte do movimento em reuniões no Rio de Janeiro e Brasília, mas acabaram sendo envolvidos nos inquéritos que estão sendo realizados pela Polícia Federal.

Outra característica interessante das punições é que os empregados não tive-

ENEL discutirá Campanha Unificada

Nove delegados do Sinergia estarão saindo dia 27 de Florianópolis rumo ao III ENEL. Esses delegados, e alguns membros da diretoria, vão participar da organização da Campanha Salarial Unificada dos trabalhadores do Setor Elétrico, avaliar as últimas campanhas desenvolvidas pelos eletricitários e analisar o funcionamento do Comando Nacional. Para vencer esta pauta delegados de todo país estarão reunidos nos dias 28, 29 e 30 em São Paulo,

na Colônia de Férias dos Eletricitários de Campinas.

Estima-se que mais de 250 delegados estarão reunidos no III ENEL. No temário, uma séria avaliação de conjuntura, com análise da situação nacional, internacional e das privatizações. Sobre a Campanha Unificada desse ano, será preciso definir sua organização, estratégia, forma de luta e inserção no movimento nacional das estaduais e demais empresas.

ALTA TENSÃO



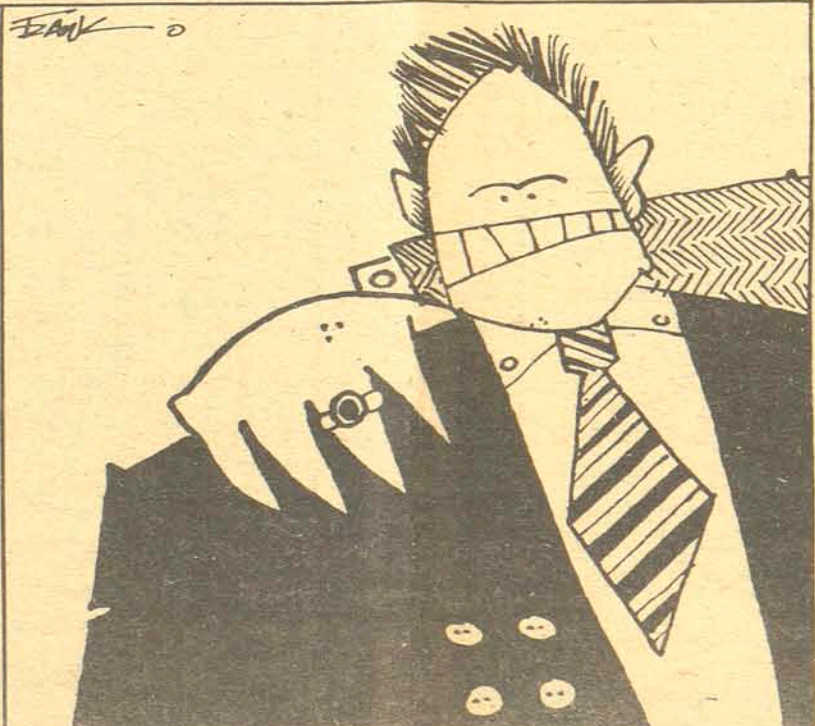
Bancários derrubam Medida Provisória

Os bancários encerraram no dia 25 a maior greve unificada dos bancos privados do Brasil. Foram nove dias úteis com a maioria dos bancos fechados. Com tamanha mobilização, foi a primeira categoria que conseguiu passar por cima da Medida Provisória 219, que limita os reajustes salariais. Eles conquistaram cerca de 220% sobre o salário de março, 60% a mais do que estabelece a Medida do arrocho. Além disso, serão descontados apenas 5 dias parados sem reflexos nas férias e 13º e não vai haver punição aos grevistas.

Gazaniga contrata sem fazer concurso

Austeridade não parece ser um objetivo da gestão Amílcar Gazaniga na Eletrosul. Logo no início de suas atividades ele admitiu na empresa Fernan-

do Deichman Pereira que caiu direto num dos níveis salariais mais altos (8A). A admissão foi feita no dia 18 de julho e o felizado recebeu o número de matrícula 1529695. Ele vai exercer a função de assessor da presidência. Certamente é esta a austeridade que "tem gente que não quer ver", como dizem as propagandas do Governo.



Cutistas vencem mais uma eleição

Durante os dias 17 e 18 de setembro ocorreu a eleição para a diretoria do Sindicato dos Trabalhadores na Alimentação de Concórdia, a qual tem aproximadamente 6 mil trabalhadores na sua base com cerca de 3.300 sindicalizados. A chapa de oposição apoiada pela CUT venceu com 1493 votos contra 1240 dos adversários. Mais de 85% dos associados compareceram às urnas.

Tribunal discute direitos humanos

A questão agrária no Brasil, os direitos humanos e a problemática ambiental serão debatidas no "Tribunal Chico Mendes", evento promovido pelo Centro Acadêmico dos Estudantes de Direito da UFSC. Jornalistas e especialistas em cada área vão fazer os de-

ram qualquer direito de defesa. Foi uma atitude unilateral. No caso, todos são culpados até prova em contrário — o inverso do que manda o direito. A situação de Mauro e Delman é ainda mais característica: eles ficam sem salário até que seja apurada uma suposta falta grave, que não existe.

Para Mauro Passos não há dúvida de que o objetivo das punições é liquidar o movimento sindical dos eletricitários. "Eles não aceitam de jeito nenhum que nós fizemos uma das maiores greves que o país já viu. Por isso estão querendo intimidar a categoria nas vésperas da campanha salarial, mas não vão conseguir, pois os eletricitários sabem como responder a este ataque". A resposta a que Mauro se refere é a criação do Fundo Nacional de Solidariedade, que será composto pela contribuição de 200 cruzeiros no mês de outubro de cada eletricitário do país. Este fundo vai auxiliar os punidos até a data-base.

Delman Ferreira aponta uma contradição política nas punições. "Como é que falam em pacto social perseguindo sindicalistas? Chamam a CUT para entendimento e punem seu secretário". A contradição assinalada por Delman é explicada por ele mesmo: "aqui na Eletrosul estas punições têm um sabor de vingança, uma mesquinha que há anos é alimentada por espíritos medíocres que, gestão após gestão, desde o regime militar, vão permanecendo nos seus cargos".

Mauro salienta que "tem muito chefe de agora e de antes querendo tirar o corpo fora, negando a sua responsabilidade nas punições". O sindicalista acredita que nenhuma punição cai do céu: "alguém apon-tou ou, pelo menos calou, e em qualquer caso houve uma co-autoria".

O Departamento Jurídico do Sinergia já está agindo na defesa dos direitos dos punidos. Estão sendo feitas entrevistas individuais com cada um e ainda esta semana acontecerá uma reunião com todos os envolvidos onde informar-se-á o instrumento jurídico a ser utilizado.



TRIBUNA Livre

Glaucio Marques
Diretor do Sinergia

A disputa eleitoral

Dia 3, quando formos às urnas escolher o novo governador, um senador e deputados, estaremos decidindo, de certa maneira, o futuro do governo Collor. A campanha eleitoral, embora tenha sido morna e sem o gosto de uma grande disputa, se deu no meio de uma verdadeira guerra ideológica, onde o centro foi a questão do neoliberalismo. Assim, há um projeto de sociedade em disputa.

Estranhamente esta guerra ressucitou expoentes do reacionarismo como Antônio Carlos Magalhães, Paulo Maluf, sem falar nos oligarcas catarinenses. Todos eles incondicionalmente alinhados ao neoliberalismo, e tudo o que ele representa: arrocho salarial, recessão, pilhagem de estatais, etc...

Do nosso ponto de vista, o projeto de um Brasil socialista e democrático também se define no potencial de espaços que os setores populares possam ocupar em uma eleição. Desta forma, está em nossas mãos de eleitores a conquista de mandatos que façam da luta política uma forma de construir uma contra-hegemonia, apontando para uma sociedade que nasça de uma prática política éticamente diferente e que esteja erigida sobre os sonhos da maioria.

Associação dos Profissionais da Eletrosul
(matéria publicada em boletim)

Fotografar é crime

Absurda. Inaceitável. Injusta. Estes são apenas alguns dos adjetivos mais brandos ouvidos nos corredores sobre a punição imposta ao nosso colega CASCAES.

OS NOVOS (?) "donos" da ELETROSUL deram vazão ao seu autoritarismo durante tantos anos reprimido e, finalmente, conseguiram exultantes, demitir. Por "justa causa"! Mas não demitiram um mau-empregado, um corrupto, um ladrão, um fantasma, um dos apaniguados, párias do poder que há alguns anos entrou pela porta dos fundos dessa empresa e que dela só tem se servido.

Demitiram não um engenheiro, com doutorado e inquestionável folha de serviço à ELETROSUL em 10 anos de trabalho.

Demitiram não um ativo dirigente sindical e da APROSUL, que sempre com clareza expôs suas idéias, de frente. "Eles" demitiram um fotógrafo!

Um fotógrafo que com o "click" de sua máquina registrou o dia-a-dia de uma greve justa. Fotografou caras e corações. Amizades e confusões. Apenas, "click", registrou. Em cores. Este foi o seu "crime". Colorido.

Mas nesta empresa contraditória, se esta punição por um lado causa repulsa e indignação por outro lado não chega a surpreender. Quantos outros já não foram "fotografados" por comissões de inquérito, auditorias e outras mais, usando e abusando dos dinheiros da empresa.

Quem não se lembra dos casos da gráfica, do aluguel de veículos, dos homens hora, do "relatório Carmino", das admissões irregulares, das gratificações, das viagens frias, das viagens políticas, da sala de telefones, dos contratados fantasmas, das consultorias, das obras desnecessárias, etc, etc.

Quanta imoralidade, acobertada por uma aparente legalidade, já não foi cometida.

Até outros "justa-causa", "fotografados" em passado recente, por roubo, corrupção e falsidade foram convenientemente esquecidos. Certamente o "colorido" da foto deles é diferente.

O fotógrafo é que é bandido. Fotografar é crime!

A Tribuna Livre é um espaço aberto. As matérias, devem ser remetidas para a redação, assinadas, datilografadas, e nunca com mais de 40 linhas de 70 toques. A publicação ficará a critério dos editores.

LINHA aberta

FESTA

Sinergia comemorou seu aniversário

No aniversário de 29 anos do Sinergia, finalmente foi descerrada a placa que comunica a todos os transeuntes que o bar Rancho de Amor à Ilha é um local de encontro dos eletricitários. Para comemorar a data houve também exposição de poemas da categoria, apresentação da dupla Beto (Celesc) e Tristão e o show do grupo Nova Trilha, integrado por Airton e Rudmar (Eletrosul). Eles apresentaram músicas de sua autoria, som mecânico e acabaram convidando o pessoal para a Festa Farroupilha, que se realizou no Sertão (Galpão Umbu-Elase), no mesmo dia. Da programação que estava prevista só não apareceram os pagodeiros.

PARTICIPE

Concurso de Logotipo

Visando estimular a criação artística e possibilitar a participação efetiva de seus associados, dependentes e funcionários, o Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis — SINERGIA, lança o Concurso para escolha de seu Logotipo.

REGULAMENTO

- 1 — Das Inscrições
 - 1.1. — Poderão se inscrever todos os sócios do SINERGIA, seus dependentes e funcionários do Sindicato.
 - 1.2. — As inscrições estarão abertas até 05.10.90 e poderão ser feitas na Sede do Sindicato, Rua Lacerda Coutinho, n. 21 ou serem enviadas pelo correio (neste caso será observada a data da postagem).
- 2 — Dos Trabalhos
 - 2.1. — Os participantes deverão apresentar logotipos inéditos e, no máximo, três trabalhos, contendo apenas o pseudônimo do autor.
 - 2.2. — Deverá acompanhar os trabalhos em envelope lacrado contendo em seu interior somente a ficha de inscrição. Na parte externa desse envelope constar apenas o pseudônimo do autor.
- 3 — Do Resultado
 - 3.1. — O resultado será divulgado até 15.10.90.
- 4 — Do Prêmio
 - 4.1. — O logotipo selecionado receberá o seguinte prêmio: Vale Livro Cr\$ 10.000,00.
 - 4.2. — O prêmio será entregue, em festividade cultural, no dia 19.10.90, em local a ser definido.
- 5 — Da Comissão Julgadora
 - 5.1. — A comissão julgadora será composta por três pessoas ligadas à área de publicidade e os casos omissos, neste regulamento, serão resolvidos pela comissão.

PATROCÍNIO:

Livros & Livros
DO LIVRO NOVO AO USADO
COMPRA — VENDE — TROCA

MEMÓRIA

O legado de Benjamin

Luiz Césare Vieira
Empregado da Celesc

*"Que as coisas continuem como estão
— nisso consiste nossa catástrofe."
Walter Benjamin*

No dia 27 de setembro de 1990 — há exatamente 50 anos, morria Walter Benedit Schönlies Benjamin, aos 48 anos de idade.

Ameaçado de ser entregue ao nazismo, o que significava campo de concentração, Benjamin optou pela morte ingerindo tabletes de morfina. Era o fim trágico do maior crítico e ensaísta alemão dos últimos tempos. Meio século se passaram sem no entanto afetar a atualidade de sua obra, até porque nela convergem os principais temas da contracultura: modernismo, marxismo e freudismo.

Nascido no final do século passado, Benjamin vivenciou e decifrou um mundo de crises generalizadas. De rupturas com as clássicas tradições e valores que até então forneciam os paradigmas para a sociedade, um mundo de decadência onde "tudo que era sólido desmanchava no ar". A década de 20 marcou o início da modernidade que significava a crítica e a negação por parte das vanguardas artísticas, dos principais valores do capitalismo e de sua burguesia ascendente.

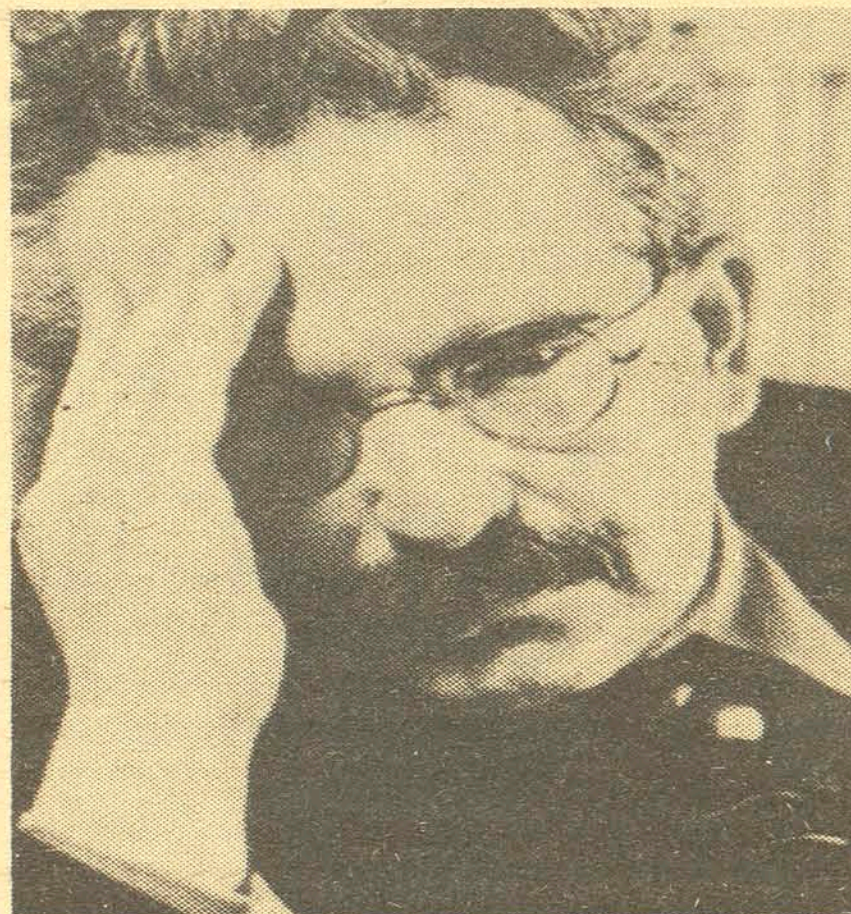
O crescimento do nazi-fascismo, a guerra e as degenerações stalinistas completavam o quadro da época.

A evolução da técnica, a produção e a circulação intensa das mercadorias, as multidões urbanas concentradas nas metrópoles recém-construídas, tudo isto são marcas do capitalismo emergente no século XIX e que iria alterar profundamente o cotidiano das pessoas. O poeta Charles Baudelaire foi uma testemunha participativa do alvorecer deste novo mundo. Benjamin era fascinado por sua obra, dedicando-lhe vários ensaios.

Na sua avaliação Baudelaire era um flâneur, ou seja, um caminhar distraído e solitário mergulhado na multidão. A divisão do trabalho tinha transformado as massas em indivíduos cada vez mais isolados competitivos entre si.

O homem moderno estava condenado a caminhar sem rumo, não reconhecendo-se nos objetos e nas pessoas a seu redor. A função do Flâneur seria a de rastrear

Há 50 anos a humanidade perdia o pensador alemão Walter Benjamin que revolucionou a crítica das artes com tal vigor que ainda hoje é um referencial para ensaios e estudos no campo da estética.



no caos deste mundo um novo sentido da existência adequada aos tempos modernos.

Autômatos desmemoriados, as pessoas esgotavam suas energias psíquicas para amortecer as frustrações e violências do cotidiano, o que Benjamin chamou de "choques". O poema de Baudelaire "A Uma Passante", ilustra uma destas situações de choque: o poeta caminhando numa rua movimentada, cruza com uma bonita mulher. Os dois se olham, ficam apaixonados um pelo outro, mas nunca mais se veem. É um amor à primeira e à última vista.

No seu famoso ensaio "A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica", Benjamin descreve as mudanças produzidas no campo da arte. Antigamente nossa experiência com a arte refletia a prática do culto religioso, as principais obras eram imagens religiosas. O ritual de contemplação cercava a obra de uma "aura" em virtude da presença única desta obra. O fim da aura seria consequência das técnicas

cas que reproduziam infinidades de imagens, banalizando o objeto artístico.

Esta perda de valores tradicionais no mundo moderno é descrita também no ensaio "O Narrador". Aqui a arte de narrar ou contar histórias estaria no fim porque ela parte da transmissão de uma experiência compartilhada que não existe mais na sociedade moderna, onde as condições de vida mudam muito rapidamente. A "experiência" coletiva cessou de existir, pois o conhecimento tornou-se descartável e não cumulativo como antigamente.

Mas da mesma forma que lamentava a perda da aura e da experiência do mundo clássico, Benjamin saudava os avanços da técnica, pois tinha esperança no advento de uma nova sensibilidade artística, um novo padrão estético socializado pelas massas.

Pelo menos até o presente sabemos que esta esperança permanece em suspensão, pois, apesar da cultura de massas ser uma realidade graças às técnicas da indústria cultural, o que observamos é a falta de sentido e a banalização total da arte.

Outros aspecto interessante na obra de Benjamin é o seu conceito de história. Não aceitava o materialismo histórico entendido no seu aspecto determinista que dava conta de um progresso inevitável que acabaria de emancipar toda a comunidade.

Para Benjamin o tempo histórico não é linear em direção à perfeição, é circular porque o presente é visado pela memória das gerações passadas. A tarefa do historiador seria então, explodir o contínuo da História para libertar as esperanças do passado, que não cessam de clamar pela chegada da hora (messiânica) de sua salvação.

Seguindo as pegadas de Benjamin, é o caso do mergulhar na sua própria obra e na de outros pensadores para resgatar do passado as esperanças que sucumbiram na transmissão da história e, na mesmisse do sempre igual que é o nosso tempo, libertar a imaginação que nos alçará ao inteiramente outro.

Vacinação não é realista no país

Há mais de dez anos, os governos têm promovido Campanhas de Vacinação, principalmente para prevenir a poliomielite — a principal meta da Organização Mundial de Saúde. A malária foi erradicada, os casos de polio caíram para 35 no ano passado, mas ainda morrem todo ano quase duas mil crianças



A Campanha acomoda

por causa do sarampo, 200 por difteria, 300 por coqueluxe e 200 de tétano. A última ofensiva contra essas doenças ocorreu no dia 22 de setembro e teve o nome de Campanha Nacional de Multivacinação.

Para tentar imunizar 20 mil crianças, 500 mil pessoas atuaram em 150 mil postos, cinco mil carros, 12 barcos a motor, um helicóptero, um avião e dois trens. Há quem questione seriamente a real validade desses esforços periódicos. O professor do Departamento de Nutrição, Francisco Vasconcelos, é um deles. "Contrariando o que se diz, uma criança vacinada pode vir a contrair a doença, ou pode não contrair a doença e morrer do mesmo jeito". Isso porque há uma relação recíproca entre o estado nutricional e as doenças infecciosas e parasitárias. "Num país como o Brasil, onde ainda prevalece a desnutrição, essas doenças se potencializam".

Uma pesquisa do IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística,

demonstrou que 10,5% das crianças do nordeste são desnutridas e no Sul e Sudeste este índice fica em 2,7%. Por isso Francisco acredita que as vacinas apenas remediaram o problema da mortalidade infantil. "Não atacam a causa, que é a queda do padrão de vida, as dificuldades ao acesso a alimentação na qualidade e quantidade necessárias".

Também da UFSC, o médico sanitário, Lúcio José Botelho, prefere criticar o caráter deseducativo das Campanhas de Vacinação. "Elas levam as pessoas a ter uma relação muito passiva com a sua saúde: uma relação de espera. Acabam não conscientizando da importância da vacinação nos postos de saúde, do direito à vacinação." Lúcio, que é professor do Departamento de Saúde Pública há 12 anos, considerou um absurdo o marketing que cercou a Campanha de Multivacinação. "O nível ideológico assumiu tal ponto que o símbolo da campanha — o Zé Gotinha — veio travestido de Presidente da República."